

Andréia Lago

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – UFRJ

E-mail:

andreiamlago@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

A vitória da oralidade nas histórias de Mãe Beata de Yemonjá

*The victory of orality in the stories of Mother
Beata de Yemonjá*

*La victoria de la oralidad en los cuentos de Mãe
Beata de Yemonjá*

Lago, A. A vitória da oralidade nas histórias de Mãe
Beata de Yemonjá. Revista Eco-Pós, 27(3), 593–600.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i3.28424>

RESUMO

Esta resenha aborda os contos escritos pela Ialorixá Mãe Beata de Yemonjá reunidos na obra *Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros*, em sua terceira edição pela editora Pallas. O livro resgata a tradição oral dos povos africanos por meio de histórias contadas e recontadas no cotidiano mítico dos terreiros de candomblé. Nos 43 contos reunidos na obra, a autora recupera histórias ouvidas na infância, passada entre ex-escravizados e seus descendentes nos engenhos do Recôncavo Baiano. Em contos breves, numa linguagem que lembra fábulas infantis, Mãe Beata liberta dos limites físicos dessas comunidades um mundo de saberes, memórias, mitos e valores que dialogam diretamente com a cultura dos afro-brasileiros e das religiões de matriz africana.

PALAVRAS-CHAVE: *Candomblé; Oralidade; Memórias; Cultura Africana.*

ABSTRACT

This review addresses the short stories written by Ialorixá Mãe Beata de Yemonjá, which are collected in the work *Palm fruit pit: the knowledge from Candomblé terreiros*, in its third edition by Pallas. The book rescues the oral tradition of African peoples through stories told and retold in the mythical daily life of Candomblé terreiros. In the 43 short stories collected in the work, the author recovers stories heard in her childhood, spent among former slaves and their descendants on the sugar mills of Recôncavo Baiano, in the state of Bahia. In short stories, in a language that resembles children's fables, Mãe Beata frees from the physical limits of these communities a world of knowledge, memories, myths and values that dialogue directly with the culture of Afro-Brazilians and religions of African origin.

KEYWORDS: *Candomblé; Orality; Memories; African Culture.*

RESUMEN

Esta reseña recorre los cuentos escritos por Ialorixá Mãe Beata de Yemonjá reunidos en la obra *Caroço de Dendê: una sabiduría de terreiros*, en su tercera edición de la editorial Pallas. El libro rescata la tradición oral de los africanos a través de historias contadas y recontadas en la mítica vida cotidiana de los templos de Candomblé. En los 43 cuentos recogidos en la obra, el autor recupera historias escuchadas en la infancia, transmitidas entre antiguos esclavos y sus descendientes en los ingenios azucareros de Recôncavo Baiano. En cuentos, en un lenguaje que recuerda a las fábulas infantiles, Mãe Beata libera de los límites físicos de estas comunidades un mundo de conocimientos, memorias, mitos y valores que dialogan directamente con la cultura de los afrobrasileños y las religiones de base africana.

PALABRAS CLAVE: *Candomblé; oralidad; Recuerdos; Cultura africana*

Submetido em 10 de outubro de 2024.

Aceito em 22 de novembro de 2024.

Introdução

Walter Benjamin, em seu clássico ensaio *O narrador* (2012), afirmava que quem escuta uma história está em companhia do narrador e, mesmo quem a lê, desfruta dessa companhia. Os contos de Mãe Beata de Yemonjá, reunidos na obra *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros*, são exemplo concreto do que o filósofo exaltava na arte de narrar. Como ensina Benjamin, nada supera o poder das histórias narradas oralmente, o único meio de comunicação que valoriza a troca de experiências entre o contador e o ouvinte.

A obra, lançada em 1997 pela Pallas Editora, está na sua terceira edição. No livro, a ialorixá Mãe Beata de Yemonjá narra histórias de pessoas comuns, de animais que falam, de deuses, mitos e ancestrais que retratam bem mais do que fábulas afro-brasileiras transmitidas nos terreiros de candomblé. São costura de memórias, afetos, religiosidade e sociabilidades que traduzem uma cosmovisão própria das religiões de matriz africana (Bastide, 2005). Complexa na sua simplicidade, a narrativa de Mãe Beata oferece ao leitor a entrada para o mundo da mais rica tradição oral afro-brasileira.

Nascida Beatriz Moreira Costa, a ialorixá passou a infância no coração do Recôncavo Baiano, nos arredores de Cachoeira do Paraguaçu, a cidade mais rica e populosa do estado da Bahia até meados do século XIX. Localizada à beira do rio Paraguaçu, principal via de transporte e comunicação de toda a região, Cachoeira concentrava o escoamento da produção de açúcar e fumo da região. Naquela época, dos 511 (quinhentos e onze) engenhos de açúcar existentes na Bahia, 355 (trezentos e cinquenta e cinco) estavam localizados no Recôncavo (Azevedo, 2009).

Nascida em 1931, Mãe Beata de Yemonjá não viu o período de expansão de Cachoeira, que entrou em decadência a partir de 1930, mas cresceu entre as histórias de homens e mulheres de vida amarga e dura (Gullar, 1975) que produziam açúcar e riqueza nos engenhos escuros do Recôncavo, antigos escravos e seus descendentes. Bisneta de africanos escravizados, Beata tinha entre suas referências de infância a avó paterna, “que tratava de todos no engenho com suas ervas e mezinhas” (Yemonjá, 2023, p. 12), e mãe Afalá, africana que era parteira do engenho e foi a primeira a dizer que a menina nascida numa encruzilhada era filha de Exu e Iemanjá.

A história do nascimento de Mãe Beata está nas primeiras linhas do livro, na Introdução feita pela antropóloga Vânia Cardoso, professora associada do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Departamento de Antropologia do CFH-UFSC. Pesquisadora dedicada à narrativa e à linguagem e às religiosidades

afro-brasileiras, apresenta os contos de *Caroço de Dendê* como histórias que fundem o histórico e o sagrado, tornando-se mediadoras da memória sociorreligiosa das comunidades de terreiro. São histórias que Mãe Beata ouviu na infância em Cachoeira, nos terreiros da Bahia, onde foi iniciada no candomblé, prática que a levou para a comunidade Ilê Omiojuarô, casa que fundou em Miguel Couto, distrito de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Dessa forma, a dinâmica da tradição oral das comunidades-terreiro, com suas interações no dia a dia, “nos levam a pensar nos contos de Mãe Beata como, de certa forma, uma criação coletiva dessas comunidades” (Cardoso, 2023, p. 13), removida dos limites dos terreiros a partir da publicação da obra.

A autora, que só estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental por restrição do pai e se autodenominava semianalfabeta, entendia a publicação do universo de representações e significações de suas histórias como uma afirmação dos saberes do povo negro e das religiões de matriz africana. “Nós, negros, estamos precisando muito disso, de saber as nossas histórias. Precisamos saber que nós somos capazes, nós, negros, que nós das religiões afro temos história, temos saber” (Yemonjá, 2023, p. 15).

Nas quase 100 (cem) páginas que reúnem os 43 (quarenta e três) contos, há histórias sobre temas que vão desde orgulho e inveja a fofoca e zombaria, ilustradas pelo traço fino e sensível do antropólogo Raul Lody. No prefácio, o escritor e artista plástico Zeca Ligiéro define os contos de Mãe Beata como “um conjunto heterogêneo e harmonioso de histórias criadas, recolhidas ou reinventadas” pela autora (Ligiéro, 2023 p. 19), transcorridas em um tempo impreciso. Pesquisador da performance afro-brasileira, quando afirma que tais histórias remetem à narração de uma preta velha ao redor de uma fogueira em noite de lua cheia, Ligiéro nos brinda com uma imagem metafórica que dialoga diretamente com a cultura dos *griots*, os contadores de histórias da África, e com a arte de narrar exaltada por Walter Benjamin. “A autora escreve com a simplicidade de quem conta histórias vividas e, com a cumplicidade de falar para um ouvinte entendedor do sentido mais profundo de suas palavras, faz o leitor sentir-se coparticipante da narrativa” (Ligiéro, 2023, p. 19).

No conto *O samba na casa de Exu*, sobre a história de uma mulher que gostava de sambar e desdenha das crenças religiosas, Mãe Beata honra os ensinamentos do candomblé e pede *agô* — palavra que significa licença em iorubá — a Exu, o guardião das casas, cidades, aldeias, do axé e do comportamento humano. Essa é a primeira de muitas histórias do livro com a participação

do orixá, representado com toda sua dualidade característica e desde o início da obra como aquele que guarda o acesso ao Orun, o universo da cosmologia iorubá.

O povo iorubá era a etnia de africanos predominante nas cidades do Recôncavo Baiano e em áreas de plantação de açúcar e fumo. Não por acaso, essa era a tradição à qual a autora pertencia, mas Ligiéro identifica elementos semânticos ligados ao povo banto (Ligiéro, 2023, p. 22), originários do Congo traficados para o Brasil ainda no período colonial, em contos que retratam a vida nos engenhos de açúcar, como *Tomazia* e *As patacas malditas*. Nas duas histórias, estão presentes as injustiças e maus tratos característicos da escravidão, além de elementos fantásticos e ideias de conversão e justicamento de senhores e senhoras de engenho.

Assim como Exu, Iemanjá é personagem de alguns contos da obra, nem sempre com o nome pelo qual a orixá é mais conhecida. Na história *A rainha mãe e o príncipe lagarto*, se apresenta como Iyá Omi, uma fada que remete às tradicionais fábulas infantis sobre príncipes transformados em animais e moças pobres e encantadas. Tais referências são apropriadas pela autora para abordar valores como bondade e generosidade por meio das diferentes interpretações de riqueza, beleza e felicidade. Dessa forma, Mãe Beata explora a intersecção entre tradições africanas e influências culturais absorvidas no mundo atlântico negro, que originou uma identidade cultural única (Rodrigues, 2020).

Nesse sentido, a escrita da ialorixá atua como um espaço de resistência que preserva e reimagina as tradições africanas e as conexões dos afro-brasileiros com seus ancestrais. Conexões essas que não foram permitidas durante a escravidão, como se os negros traficados não tivessem uma vida antes do cativeiro, prática que ainda hoje resiste até mesmo entre ganenses entrevistados pela escritora Saidiya Hartman. Pesquisadora de história cultural e estudos afro-diaspóricos, Hartman perguntou aos moradores de Salaga, que sediou o maior mercado de escravos da costa africana nos séculos XVIII e XIX, se havia descendentes de escravos na cidade. Buscando em suas raízes, ela própria, deparou-se com um tabu que proíbe os moradores de apontar quem tem origens entre africanos escravizados (Hartman, 2021).

No pensamento africano, como ensina Silva (2011), quando alguém era levado como escravo decretava-se uma morte social, que dissociava o sujeito de sua comunidade, sua família e seus ancestrais e o reduzia a um exílio eterno, sem direito à dimensão da eternidade. De alguma forma, traduz o que Hartman (2021) relata ao buscar suas origens em Gana:

Se em meu íntimo eu esperava que houvesse alguma cura para o sentimento de ser estranha no mundo, naquele momento eu soube que não havia remédio para o meu desamparo. Eu era uma órfã e a ruptura entre mim e minhas origens era irreparável” (Hartman, 2021, p. 266).

Mãe Beata encontrou no candomblé a conexão com sua ancestralidade e só pode identificar-se plenamente com suas raízes africanas após sua iniciação, recuperando elementos significativos de sua tradição iorubá fundamentais para sua identidade.

O candomblé é meu empoderamento, é minha posse, é minha vida, é a fonte que eu bebo, é minha água em qualquer momento, é o som que eu ouço, é o canto dos pássaros, é o lamento das nossas crianças, do morro, da periferia, dos homossexuais. É minha estrada, é a encruzilhada em que eu nasci, é o rio do Recôncavo, em Cachoeira do Paraguaçu, onde eu nasci. É a fome que eu passei em criança, a boneca que não tive o direito de ter. O candomblé me deu oportunidade, minha cultura, minha vida. O candomblé, para mim, é minha cultura, o sangue do meu povo. (Espelho, TV Brasil, 2015).

No livro, Mãe Beata incorpora aos seus contos valores, mitos e tradições que evocam um cotidiano comum aos terreiros de candomblé, resgatando as diversas culturas de diferentes etnias de africanos traficados para o Brasil. Em muitas dessas histórias a autora evoca o vocabulário iorubá, que a editora traduz em um glossário que pode ser consultado pelo leitor ao final do livro.

Na fabulação da ialorixá, as histórias de um “tempo em que os bichos falavam” (Yemonjá, 2023, p. 83) tratam de fé e mentira no conto *O bem-te-vi falador*, sobre levar vantagem no conto *A lagartixa sabida*, sobre inveja na história *A astúcia do macaco*, sobre vingança no conto *A desavença entre o cachorro e o gato*, sobre fofoca e enganação envolvendo cágados, entre tantos personagens do reino animal. Nem todas terminam com uma *moral da história*, mas todas transmitem lições morais sobre comportamentos na forma de narrativas que ajudam a moldar a percepção de si e do mundo ao redor (Rodrigues, 2020).

Na casa que fundou em Miguel Couto, na Baixada Fluminense, Mãe Beata colocou essa sabedoria dos terreiros a serviço de causas que lhe eram caras, como a proteção ambiental, o combate à homofobia e à discriminação religiosa, além de desenvolver um intenso trabalho comunitário que levou adiante até falecer, em 2017. A região onde a escritora de *Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros* nasceu, no Recôncavo Baiano, concentra hoje diversos

territórios quilombolas e integra a Rota da Liberdade, programa de turismo étnico comunitário da Baía do Iguape.

Os contos de Mãe Beata nos lembram que a história é uma batalha real de narrativas. Como escreve a pesquisadora afro-americana Saidiya Hartman, que foi até Gana em busca de sua ancestralidade, a história é de fato uma disputa entre os que detêm o poder e aqueles que são subjugados a ele, que não têm poder sobre o que aconteceu ou sobre as histórias que são contadas a respeito do que aconteceu. Há uma “luta até a morte em relação ao significado do passado, e a narrativa dos derrotados nunca triunfa” (Hartman, 2021, p. 257). Ou quase nunca. Em seus contos, Mãe Beata de Yemonjá venceu a batalha das narrativas sobre a cultura dos afro-brasileiros e das religiões de matriz africana.

Referências

- AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. *Engenhos do Recôncavo Baiano*. Roteiros do Patrimônio, IPHAN. Brasília (DF): Programa Monumenta, 2009.
- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia - Rito nagô*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221, 2012.
- CARDOSO, Vânia. Introdução. In. YEMONJÁ, Mãe Beata de. *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.
- ESPELHO, TV Brasil. Lázaro Ramos entrevista Mãe Beata de Iemanjá. *Facebook*, 2015. Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=713713932093644>. Acesso em: 16 nov. 2024.
- GULLAR, Ferreira. *Dentro da noite veloz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe - Uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- LIGIÉRO, Zeca. Prefácio. In. YEMONJÁ, Mãe Beata de. *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.
- RODRIGUES, Felipe Fanuel Xavier. Reimaginando a herança africana em contos. *Revista Matraca*, v. 26 n. 48, p. 635-653, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.12957/matraca.2019.42396>. Acesso em: 16 nov. 2024.

SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. Por dentro do caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros, de Mãe Beata de Yemonjá. *Revista África e Africanidades*, a. 2, n. 8, 2010. Disponível em [https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Por dentro do caroco de dende.pdf](https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Por_dentro_do_caroco_de_dende.pdf). Acesso em: 16 nov. 2024.

YEMONJA, Mãe Beata de. *Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.

Andreia Lago - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Mestre em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Jornalismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). MBA em Economia Internacional e MBA em Informações Econômico-Financeiras, pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: andreiamlago@gmail.com